

ARTIGO

**“SENHORA PRESIDENTE ESTA É UMA CARTA PESSOAL” – AS
RELAÇÕES DIALÓGICAS EMERGENTES DE UMA CARTA**

(“Mrs. President, this is a personal letter” - the emerging dialogical relationships from a letter)

(“Señora Presidente, esta es una carta personal” – las relaciones dialógicas emergentes de una carta)

Fernanda Lopes Bortolini¹
(Universidade de Passo Fundo)

Patrícia da Silva Valério²
(Universidade de Passo Fundo)

Recebido em: setembro de 2020

Aceito em: agosto de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i2.34261

¹ Mestra em Letras pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: lopesbortolinifernanda@gmail.com

² Doutora em Linguística Aplicada. Docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: patriciav@upf.br.

RESUMO

Este artigo assume como tema as relações dialógicas que emergem de uma interação discursiva instaurada por uma carta envolvendo dois interlocutores públicos do mais alto cargo do poder executivo brasileiro e vazada à imprensa em dezembro de 2015. Com objetivo de compreender as relações dialógicas instauradas em dois momentos de leitura: imediatamente após a divulgação da carta à imprensa e passados quatro anos da publicação da carta, foram mobilizadas noções e princípios teóricos da teoria/análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin. A análise revela que a carta se configura como uma grande resposta, não simplesmente à interlocutora imediata, mas a toda sociedade brasileira.

Palavras-chave: Teoria/análise dialógica do discurso. Relações dialógicas. Carta.

ABSTRACT

This article assumes the theme of the dialogical relationships emerged from a discursive interaction established by a letter involving two public interlocutors from the highest position in Brazilian executive branch, leaked to the press in December, 2015. Aiming to comprehend the dialogical relationships established in two moments of reading: right after the release of the letter to the press and four years after the publication of the letter, there were applied theoretical concepts and principles from the Bakhtin's Circle dialogical theory/analysis of speech. The analysis reveals that the letter is a big response, not only to its immediate interlocutor, but to the whole Brazilian society.

Keywords: Dialogical theory/analysis of speech. Dialogical relationships. Letter.

RESUMEN

Este artículo toma como tema las relaciones dialógicas que emanan de un interacción discursiva establecida por una carta que envuelve a dos interlocutores públicos de la más alta posición del poder ejecutivo brasileño y que fue divulgada a la prensa en diciembre de 2015. Para comprender las relaciones dialógicas establecidas en dos momentos de lectura: inmediatamente después de la publicación en la prensa y cuatro años después de su publicación, se movilizaron los principios de la teoría/ análisis del discurso del Círculo de Bakhtin. El análisis revela que la carta se configura como una gran respuesta, no solo al interlocutor inmediato, sino a toda la sociedad brasileña.

Palabras clave: teoría/ análisis dialógica del discurso. Relaciones dialógicas. Carta.

INTRODUÇÃO

Este artigo assume como tema as relações dialógicas que emergem de uma interação discursiva instaurada por uma carta³. Da leitura realizada na data da divulgação à imprensa (2015) e da releitura efetuada em 2020, é que se constitui nosso interesse pelo estudo dos enunciados como prática social e de interação discursiva instaurada, e se configura, dessa forma, a materialidade linguística do nosso *corpus*.

O interesse pelo tema surgiu de um olhar para os discursos e sentidos, que refletiam a situação social e política estabelecida no Brasil nos primeiros dias de dezembro de 2015, com a aceitação – no dia dois de dezembro daquele ano –, do processo de impedimento da continuidade do mandato de Dilma Vana Rousseff (PT), pelo presidente da Câmara dos Deputados no período, Eduardo Cunha (PMDB). E, também, da emergência do dizer que se estabeleceu a partir dessa situação social e

³ Sugerimos a leitura da carta na íntegra a partir de uma notícia publicada na Globo News pela jornalista Andreia Sadi, e divulgada no Portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>.

política, da qual emanaram muitos gêneros, de diferentes esferas de atuação e interação humana, os quais mobilizaram diferentes discursos e vozes sociais.

A carta, noticiada nos veículos jornalísticos impressos e televisivos como “carta desabafo”, “carta do vice-decorativo”, “carta de cunho pessoal”, “carta aberta” somente reforçou a grande especulação da mídia e da população sobre o apoio que seria dado (ou negado) pelo vice-presidente⁴ à então presidenta, ampliando a discussão de uma possível ruptura da base aliada do governo.

Nessa perspectiva, ao voltarmos nosso olhar à carta e à situação social da qual a carta emanou, duas questões surgiram: Que relações dialógicas emergem de uma carta do vice-presidente à presidenta do país e divulgada à imprensa? Seria esta carta não uma carta pessoal⁵, mas uma carta aberta?

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é compreender a carta, do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015, mediante à mobilização de noções e princípios teóricos da teoria/análise dialógica do discurso.

O artigo está organizado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção mobiliza a perspectiva da teoria/análise dialógica do discurso, de filiação do Círculo bakhtiniano, subdividindo-se na noção de relações dialógicas constitutivas da concepção de linguagem e discurso no Círculo de Bakhtin; na noção de pessoalidade; e, no princípio da responsividade. A segunda seção analisa a carta, explorando as relações dialógicas instauradas e a relação entre a interlocução e o direcionamento da carta.

1. A ARQUITETÔNICA DA TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: NOÇÕES E PRINCÍPIOS

Para sustentar teoricamente este artigo, assumimos a perspectiva dialógica da linguagem e do discurso do Círculo de Bakhtin. No que se refere à arquitetura da teoria/análise dialógica do discurso, nos filiamos à perspectiva de Brait (2006), que explica que:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e / ou análise do discurso. [...] Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Volochinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos

⁴ Michel Temer era filiado e, no período, presidente do PMDB (atual MDB).

⁵ Resgatamos um fragmento introdutório que nos intrigou, no qual que Temer anuncia: “*Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio. Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo*”. Uma primeira reflexão foi será que uma carta escrita pelo vice-presidente à presidenta da república é somente uma carta pessoal?

sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada [...], o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso (BRAIT, 2006, p. 9).

Sublinhamos, desse excerto, que a teoria/análise dialógica do discurso não se constitui de conceitos fechados e absolutos em si, nem produz uma perspectiva teórico-metodológica sistemática, pois, de acordo com Brait (2006), seria uma contradição com o próprio pensamento linguístico-filosófico desenvolvido pelo Círculo: o da indissolúvel relação existente entre língua, linguagem, história e sujeitos, que instaura os estudos da linguagem como lugar de produção de conhecimento, de interação e de relações dialógicas e de sentidos (BRAIT, 2006). A explanação da pesquisadora brasileira evidencia que a teoria/análise dialógica do discurso se constitui de noções e princípios que se engendram na arquitetura da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Isto é, faz-se necessário realizar uma reconstituição do percurso do pensamento linguístico-filosófico do Círculo de Bakhtin, estabelecendo relações dialógicas geradoras de sentidos entre as noções e princípios, que nortearão a análise do *corpus* selecionado para este artigo.

A seguir, abordamos o tema das relações dialógicas geradoras de sentido, como noção norteadora à análise dialógica do discurso.

1.1 As relações dialógicas constitutivas da concepção de linguagem e discurso no Círculo de Bakhtin

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, a metáfora do diálogo é eixo norteador do conceito de linguagem. Ao evocarmos o dialogismo como constitutivo das relações discursivas, devemos ampliar nossa perspectiva de leitura e irmos além do diálogo somente como possibilidade de interação face a face – em sentido estrito –, mas como a forma de interação discursiva, conforme nos aponta Bakhtin:

Essas relações dialógicas são profundamente originais e não podem reduzir-se a relações lógicas, ou linguísticas. [...] O diálogo real (a conversa do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas (BAKHTIN, 2011, p. 331).

Para além do diálogo, o dialogismo é o princípio constitutivo da comunicação discursiva, que pressupõe relações de sentidos entre os sujeitos da enunciação (o locutor e seu (s) interlocutor (es)) que evoca discursos que também se compõem em relação dialógica, produzindo tipos

relativamente estáveis de enunciados, os gêneros discursivos. Isto é, o dialogismo é princípio constitutivo de sujeito, de discursos, de linguagem, de interação discursiva e de sentido.

No texto *O discurso em Dostoiévski*, da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2013 [1929]), ao explicar que o seu objeto de estudo é o discurso, define-o como “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 207). O que tal explicação revela é que a concepção do Círculo se interessa por análises efetuadas a partir das relações dialógicas, no plano discursivo, e não no plano da língua – no sentido estrito do termo. Nessa concepção, o enunciado se constitui como objeto de estudos da linguagem, por ser a real unidade da comunicação discursiva, pois o discurso só existe, verdadeiramente, na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. Nesse sentido, assumimos a carta em análise como enunciado único e singular, que instaurou uma interação verbal no momento em que foi escrita e que se ressignificou nesta unicidade e singularidade em uma nova interação verbal ao ser divulgada à imprensa nacional.

Assumimos o *corpus* dessa forma, pois todo enunciado concreto, na perspectiva do Círculo bakhtiniano, é “individual, único e singular” e está sempre ligado à realidade espaço-temporal, ou seja, é sempre uma realização social, dentro de um contexto histórico, atravessado pelo grande tempo da cultura, que é evocado nos discursos que cada enunciado traz consigo, por sua constituição dialógica. Por seu caráter particular e individual, o enunciado é sempre um evento novo e irrepetível, e é na fronteira entre “duas consciências, dois sujeitos”, no mínimo, que o enunciado existe (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Bakhtin (2016[1952-53]) define o enunciado concreto por seu caráter dialógico, ao elencar que ele é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Nas palavras do autor, “todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto; antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29). Isto é, na relação dialógica geradora de sentido, um enunciado está sempre convocando os enunciados anteriores e sempre suscitando respostas a enunciados posteriores; dessa forma, o enunciado estabelece-se como elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo de atividade humana, e “todo enunciado é reflexo de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57). A carta que analisamos produziu e continua produzindo ressonâncias discursivas que reverberam ainda

hoje, seja por meio de outras respostas que ela suscitou; seja pela ressignificação do sentido do discurso da carta⁶.

O teórico russo também aponta que o enunciado é repleto de responsividade, pois todo enunciado deve ser, antes de tudo, uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: enquanto reposta rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, e dessa forma, todo enunciado é “repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Por fim, Bakhtin destaca que um traço essencial e constitutivo do enunciado refere-se à possibilidade de seu direcionamento a alguém, ou o seu endereçamento, pois um enunciado sempre tem um autor e um destinatário, em todos os campos da atividade humana, haverá um destinatário; o que se revela é que cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva terá uma concepção típica de endereçamento. Sem essa peculiaridade constitutiva, não há nem pode haver enunciado (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Nesse sentido, quando refletimos sobre a noção de direcionamento na carta, nos questionamos: seria a carta direcionada exclusivamente à Dilma? A quais outros interlocutores à carta se direcionaria?

Para Brait (2013), o enunciado é objeto de estudo da linguagem para o Círculo de Bakhtin, mas ele não deve ser estudado isoladamente. O momento de seu acontecimento, bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso. E, mais, o enunciado tem esse papel central na concepção bakhtiniana de linguagem “justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos” (BRAIT, 2013, p. 65). Logo, compreender a carta em análise é situá-la como uma prática social, oriunda da situação política e social que o Brasil vivia (o impeachment), de onde emanou como um acontecimento verbal.

Ainda no que se refere ao enunciado, como objeto estudo da linguagem, Faraco (2009) ressalta que dos enunciados advêm diferentes verdades, as quais advêm de vozes sociais distintas, e que se realizam nesses embates sociais – relações dialógicas. Tais embates são considerados como uma espécie de guerra de discursos entre forças centrípetas (centralizadoras, monologizadoras, que tentam apagar a heteroglossia) e forças centrífugas (que resistem à monologização e multiplicam a heteroglossia) e estão em permanente tensão (FARACO, 2009). Dessa forma, os enunciados, como

⁶ Vale mencionar a quantidade de cartas abertas que foram publicadas na época, na mídia on-line, sobretudo, endereçadas a Michel Temer. Elencamos apenas duas que valem nossa leitura, a saber: carta aberta ao presidente Michel Temer, escrita conjuntamente pela Associação Procure Saber, formada por músico e artistas e o grupo de Ação Parlamentar Pró-música (GAP), em 13 de maio de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-carta-aberta-ao-presidente-michel-temer-artistas-pedem-volta-do-ministerio-da-cultura-19297597>; carta aberta a Michel Temer, escrita por Márcia Tiburi, professora e filósofa, em 30 de novembro de 2016, publicada na *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/carta-aberta-a-michel-temer/>.

unidade real da comunicação discursiva, manifestam-se como uma tomada de posição axiológica, sempre como uma resposta ao que já foi dito. Ao ser dito, o enunciado pressupõe sempre uma resposta. Dessa relação entre vozes e forças sociais, que forças estão entrelaçadas na carta de Temer à Dilma?

Até aqui definimos enunciado na perspectiva dialógica a que nos filiamos. Na próxima seção, voltamo-nos à questão da relação entre o locutor e o(s) outro(s), à perspectiva dos sujeitos participantes da interação discursiva, que é uma peculiaridade constitutiva do enunciado.

1.2 O locutor em relação ao(s) outro(s): a criação conjunta do enunciado

A concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin está fundada, como referimos anteriormente, na relação, isto é, entre discursos mobilizados de uma dada esfera da comunicação social, entre enunciados em que tais discursos se concretizam, entre sentidos, na relação entre falantes, que se constituem sujeitos e mobilizam a língua para dizer, e trazem consigo inúmeras “verdades” que emergem de diferentes vozes sociais. A perspectiva dialógica da linguagem, nesse sentido, constrói-se na tessitura de inter-relações entre sujeitos, discursos, sentidos, e vozes que são mobilizadas no evento da interação discursiva. Dessa forma, para compreender a carta em análise é necessário refletir sobre quem diz; o que diz; e para quem diz.

No que se refere aos sujeitos envolvidos na interação, Pires e Sobral (2013) destacam que “o grande mérito do grupo, para os estudos do discurso, foi resgatar o sujeito e seu contexto social, via dialogismo interativo, trazendo com eles a história. O sujeito bakhtiniano constitui-se, desse modo, como um ser social, histórico e ideológico” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 215). Os sujeitos que se envolvem nessas relações dialógicas, portanto, não são sujeitos individuais, não sociais, mas sim indivíduos socialmente organizados, que trazem consigo discursos de uma determinada esfera de atuação humana e podem estar inseridos em diferentes contextos, constituindo-se, dessa forma, sujeitos heterogêneos.

Sobre o sujeito inserido no seu contexto social, Faraco (2009) complementa exemplificando que “os sujeitos se definem como feixes de relações sociais: constituem-se e vivem nestes feixes que são múltiplos, não fixos e nunca totalmente coincidentes de pessoas a pessoas – ainda que membros de um mesmo grupo social – os sujeitos são seres marcados por profunda e tensa heterogeneidade” (FARACO, 2009, p. 121). Isto é, os sujeitos definem-se nas relações sociais, mas nunca são iguais, nem tampouco coincidentes e, por isso, configurados de heterogeneidade. Quando pensamos na heterogeneidade dos sujeitos da interação verbal da carta, lembramos que o locutor, vice-presidente, pessoa pública, presidente nacional do PMDB, parlamentar de carreira e a interlocutora, pessoa

pública, ocupante do cargo mais alto do poder público, ambos estão repletos por esta heterogeneidade constitutiva de sujeitos sociais.

No que se refere aos sujeitos participantes do evento de interação discursiva, é importante destacar a relevância que os sujeitos têm no processo de construção de um enunciado. O eu e o (s) outro (s) são condição à realização de um enunciado. Sobre a relação intrínseca entre sujeitos na interação discursiva, Bakhtin 2016[1952-53] expõe que a relação entre o eu e o outro estabelece a condição de alternância, e que a partir dessa relação é que os limites de cada enunciado são configurados, ou, nas palavras de Bakhtin, “todo enunciado tem um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29). Nessa relação de alternância entre os falantes é que se estabelece o enunciado como a real unidade da comunicação discursiva, que se constitui de e nas relações dialógicas geradoras de sentidos entre os enunciados no fluxo discursivo.

Ainda no que se refere aos sujeitos envolvidos no evento discursivo, Volóchinov (2017[1929]) define que é na relação entre o eu e o(s) outro(s) que se constitui mais uma peculiaridade intrínseca ao enunciado, isto é, a relação de orientação e direcionamento do enunciado, ou nas palavras do teórico russo:

A palavra é orientada para um interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.), não se pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 204-205, grifo do autor).

O enunciado somente se constitui porque o falante está em relação com o outro. Logo as escolhas lexicais, o discurso mobilizado, estarão sempre em diálogo com que esse interlocutor é, que esfera social ele representa e está inserido, que relação ele estabelece com o interlocutor, todos fatores que condicionam o tema e o estilo do enunciado, e refletem na interação. Quando nos voltamos à carta, temos Michel Temer, vice-presidente do país, ocupante de um dos cargos mais importantes do país, enviando uma carta dita “pessoal” a então presidenta do país, e instaurando uma interação dita pessoal, mas não somente, afinal o interlocutor assume na carta sua posição política e partidária de presidente do PMDB (no período), relevando-se como uma interação institucional.

Nesse sentido, todo enunciado terá como essência constitutiva o direcionamento e um endereçamento, conforme revela Bakhtin:

um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc. ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 62-63, grifo do autor).

No fragmento acima, o teórico russo postula que o direcionamento se configura como um traço essencial do enunciado, cujas características diferem das orações, como unidades da língua. Tal direcionamento sempre se dará a um interlocutor imediato da interação, mas também poderá ser a uma coletividade, e ainda poderá ser a outro totalmente indefinido e não concretizado. Pensando na carta em análise, a quem se direciona? À interlocutora marcada na materialidade linguística, Dilma? Certamente. E a qual coletividade a carta se dirige ainda?

Sobre a noção de direcionamento, Brait e Melo (2013) explicam que este se constitui no enunciado e pode se desdobrar em três modalidades, como sintetizam as autoras:

Esse destinatário tem várias faces, vários perfis, várias dimensões. Pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo, configurando um destinatário concreto, [...], pode, ainda, ser um destinatário presumido, não necessariamente presumido pelo autor (embora possa sê-lo), mas que se instala a partir da circulação do enunciado. Pode ser um outro absolutamente indeterminado, ou o outro não concretizado, isto é, um sobredestinatário, que esfacela as fronteiras de espaço e de tempo (BRAIT; MELO, 2013, p. 71-72).

O excerto sintetizado pelas autoras (2013) revela que a concepção bahktiniana de endereçamento do enunciado prevê três possibilidades que se constituem conjuntamente nos enunciados. Sendo que o primeiro destinatário é o interlocutor concreto e imediato, isto é, o participante direito do evento discursivo, ou seja, estabelece-se em um espaço e tempo único e irrepetível do evento discursivo, que está ligado, dessa forma, à situação social mais próxima do enunciado que, por sua vez, determina a forma e o estilo do enunciado. Nossa análise da carta revela que é possível estabelecer essas possibilidades de destinatários, conforme exposto acima. A primeira possibilidade de direcionamento instaurada na materialidade é da interlocução imediata, nomeada como “*Senhora Presidente*” e como “*senhora*” para se referir à presidenta.

A segunda possibilidade de destinatário é o presumido. Tal destinatário pode ser considerado como participantes de um determinado grupo social, que se estabelecem como um auditório. Esse auditório, no qual o destinatário concreto também está inserido, como sujeito social, constitui-se de

um grupo social que representa “um certo *horizonte social* típico e estável para qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 205, grifo do autor), isto é, o auditório social é determinado pelo campo da atividade humana e da vida à qual tal enunciado se refere, e, dessa forma, o auditório, advindo de um ambiente social mais amplo, também condiciona a estrutura do enunciado – tema, estilo, estrutura composicional –, que se concretiza por meio de gêneros do discurso. O direcionamento presumido revela que a carta, pelo seu conteúdo temático e estilo, também parece ser aos apoiadores do governo e aos demais integrantes do governo, naquele período. O locutor parece dialogar com a esfera política, uma vez que parece intencional responder ao PT, mas também ao seu partido, PMDB, ao PSDB (partido de oposição durante as eleições) e, ainda, aos representantes políticos que se estabeleciam como aliados e opositores na dinâmica da política partidária brasileira.

A terceira possibilidade de direcionamento do enunciado está ligada a um destinatário indeterminado, ou, como nos revela Bakhtin (2011[1979]), há sempre um terceiro que participa da interação discursiva, um outro: “aqui se revela o ponto de vista do ‘terceiro’ no diálogo (que não participa do diálogo, mas o entende)” (BAKHTIN, 2011[1979], p.333). Sobre o terceiro participante da interação discursiva, o filólogo russo especifica que todo enunciado tem sempre um “destinatário cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa e que o supradestinatário (terceiro) ganha diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, a história, etc.)” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 333). Essa noção de superdestinatário, intrínseca ao enunciado, conecta a carta escrita em 2015 à atualidade e, portanto à historicidade, afinal a carta parece responder à esfera política; assim como parece ter sido uma grande resposta à esfera jornalística, que construiu uma narrativa em prol do impeachment e em oposição à chapa de Dilma (PT) e Temer (PMDB); e, ainda, se estabelece como uma possibilidade de resposta aos eleitores brasileiros, configurando-se como uma resposta à sociedade brasileira.

Em síntese, a relação que se estabelece entre o locutor e o(s) outro(s) no enunciado se configura como uma peculiaridade constitutiva e intrínseca do enunciado e da interação discursiva. Não há e nem pode haver enunciado sem tal peculiaridade, pois a própria noção de dialogismo como realidade fundamental da linguagem convoca a existência da relação entre o locutor e o(s) outro(s); o dialogismo se realiza, pois, no direcionamento e no endereçamento.

Na seção posterior, interessa-nos desenvolver outra peculiaridade constitutiva do enunciado, que se refere ao princípio da responsividade.

1.3 O princípio da responsividade: a tomada de posição axiológica

O princípio da responsividade, na concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, é uma peculiaridade constitutiva do enunciado; dessa forma, não há, nem pode haver enunciado dentro de um evento de interação discursiva sem que haja responsividade. Eis um dos princípios dialógicos por excelência.

A responsividade se dá como uma compreensão total e verdadeira do enunciado, que produzirá uma resposta imediata ou não. É o momento em que o outro – interlocutor – compreende o enunciado e o transforma, o recria, o completa, o refuta (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Isto é, responder não significa somente responder verbal e gestualmente ao discurso do outro mobilizado no enunciado; responder, nessa perspectiva, é uma atitude responsiva dialógica. Logo, a noção de resposta não pode ser algo específico, mas é muito mais abrangente, podendo se revelar como uma ação que prova transformação, complementação, reação de oposição ao que foi compreendido pelo interlocutor.

Bakhtin (2016[1952-53]) afirma que toda a compreensão da fala viva é de natureza ativamente responsiva, pois “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25). O interlocutor (ouvinte) torna-se um falante, pois, ao compreender o significado do discurso mobilizado no enunciado, estabelece relações de sentido com tal discurso e produz uma réplica em uma atitude responsiva: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25). O interlocutor, portanto, não é e não poderá ser passivo, ele assume uma atitude responsiva ativa, em uma tomada de posição axiológica. Por isso, ao lermos a carta conseguimos evidenciar que ela se conecta como um grande enunciado responsivo a discursos suscitados no momento de sua interação (foi golpe; a aliança do PT e PMDB está ruindo; o vice é competente para assumir, etc.) como também suscita resposta ainda hoje.

Para o Círculo bakhtiniano, todos os sujeitos da interação discursiva são respondentes, em maior ou menor grau, pois um falante nunca é o primeiro falante, ou na metáfora-axioma, somente o Adão mítico falou por vez primeira e acabou com o eterno silêncio do universo; por não ser o primeiro falante, logo todo enunciado produzido não será o primeiro – nem seu, nem alheio –, ele trará consigo relações dialógicas estabelecidas com enunciados antecedentes, ou como sintetiza Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outro enunciado” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 26).

Em síntese, a responsividade é constitutiva do enunciado, tanto é que o próprio produzir um enunciado está ligado a uma ativa compreensão, afinal um enunciado sempre se constrói em atitude dialógica com outro enunciado, emergindo como réplica de um discurso anterior, e suscitando

réplicas responsivas de outros enunciados. Ou seja, “*toda compreensão é dialógica*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 232, grifo do autor).

Na seção seguinte apresentamos a análise da carta.

2. ANÁLISE DE UMA CARTA MUITO MAIS DO QUE “PESSOAL”

Nesta seção, objetivamos compreender a carta, do então vice-presidente Michel Temer, dirigida à presidenta Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015, mediante à mobilização de noções e princípios teóricos da teoria/análise dialógica do discurso.

No que refere ao método de análise, assumimos uma abordagem a partir de excertos que materializam discursivamente as relações dialógicas que geram sentidos e potencializam a compreensão do *corpus*. Essa escolha acolhe noções e princípios advindos da perspectiva teórico-metodológica da teoria/análise dialógica do discurso, a partir do que postula Mikhail Bakhtin (2013), de que é possível encontrarmos relações geradoras de sentidos no todo, nas partes e na palavra isolada: “as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada” (BAKHTIN, 2013, p. 210). Dessa forma, a análise se dá em duas seções, a primeira que explora as relações dialógicas geradoras de sentido da carta e da interação discursiva na qual a carta emanou; e a segunda seção que analisa a relação de personalidade instaurada na carta.

Nesse sentido, nos encaminhamos, na seção seguinte, à análise das relações dialógicas geradoras de sentidos na carta de Temer a Dilma.

2.1 As relações dialógicas geradoras de sentidos instauradas na interação com outros discursos

Nesta seção, analisamos cinco excertos extraídos da carta, que acreditamos potentes para compreender as relações geradoras de sentido da carta. Para construir seu projeto de dizer, seu “desabafo”, o locutor Michel Temer se apresenta mobilizando duas diferentes posições, constituídos de diferentes discursos que se engendram na construção do sentido do todo da materialidade da carta. Ou seja, constrói seu projeto de dizer, convocando distintos discursos, que se completam, se confirmam e respondem a enunciados que estão na sociedade, estabelecendo, assim, relações dialógicas geradoras de sentido (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

No primeiro excerto selecionado, observamos um discurso que revela o posicionamento do locutor de não se considerar digno de confiança pela presidenta do Brasil e pelo seu entorno, durante os quatro anos do primeiro mandato em que governaram juntos, como pôde ser evidenciado no excerto (1).

“Sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo”.

Percebemos que o locutor afirma ter absoluta certeza de que há desconfiança por parte da presidência de sua ação, ainda que ele e o PMDB – atual MDB – mostrassem apoio pessoal e partidário à presidenta e a seu partido, o PT. Ao longo da carta, o locutor apresenta onze fatos importantes ligados especialmente às formulações políticas e econômicas do Executivo e, dentre eles, alguns revelam ações e estratégias no âmbito da administração e governabilidade que o vice-presidente realizou durante o primeiro mandato que, na ótica do locutor, não recebeu o devido valor, tampouco foi respaldado pela então Presidenta Dilma Rousseff e sua equipe de governo. Aqui, ele não fala sozinho, ele fala como uma autoridade do partido – no período era presidente nacional do PMDB – e convoca, no seu projeto de dizer, a voz do partido que constitui a base governamental do primeiro mandato, e do segundo mandato, ao menos do primeiro ano, após isso, o partido assume, como evidenciamos, a governança do país, visto que o vice-presidente assumiu como presidente interino e, posteriormente, como presidente da República.

Em outro recorte (2), o locutor desenvolve a perspectiva da ausência de confiança:

“Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança”

Ao dizer que *“Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança”*, o locutor cita, por exemplo, o caso em que ele não foi convidado a participar de uma reunião com o então vice-presidente dos Estados Unidos da América, e não teve a possibilidade de interagir com o líder de prestígio mundial, ainda que eles estivessem estabelecido, segundo consta no desenvolvimento carta, certa relação amigável em ocasião anterior, revelando novamente ao seu interlocutor que o sentimento reinante no “desabafo” é de desconfiança.

Tal perspectiva (absoluta falta de desconfiança) defendida pelo locutor está em todo o desenvolvimento da carta, sendo reiterada inclusive no desfecho, quando o locutor encerra com o enunciado (3) abaixo:

“finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção”.

Nesse enunciado, o locutor, mobilizando “nós”, fala novamente pelo e como PMDB, e é taxativo ao revelar que ele sabe que o interlocutor – “senhora Presidente” – não tem confiança nele como vice-presidente, tampouco como presidente e líder do partido. Ele não é apenas o vice-presidente, mas também um líder político com experiência de mais de 24 anos no Parlamento, e assume a desconfiança como sua convicção.

Ao assumir o discurso da desconfiança intrínseca na relação entre o locutor e o interlocutor, construído nos enunciados concretos acima citados, podemos interpretar que o locutor assume um posicionamento de vitimização ao longo do “desabafo”. Na perspectiva da vitimização, implica que ele foi impossibilitado de atuar efetivamente e de contribuir no processo de governabilidade do Brasil. O que tal sentido revela é que, ao ser tornar uma vítima, não teve poder de decisão, portanto não pode ser culpabilizado por atitudes do governo que foram consideradas equivocadas e impopulares à sociedade, e por outras consideradas ilegais, como as pedaladas fiscais, que se tornaram crimes de responsabilidade fiscal e configuraram provas substanciais para abertura do processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff.

Nessa perspectiva, o discurso de vitimização, derivado da convicção da ausência de confiança em relação a ele e ao PMDB, parece-nos confirmar uma tentativa de assumir um discurso de defesa de suas atitudes, ou das não atitudes, durante os quatro anos do primeiro mandato e o primeiro ano do segundo mandato. Ao assumir tal discurso, o locutor parece responder aos discursos que circulam socialmente, especialmente, entre os eleitores frustrados da chapa Dilma-Temer das eleições de 2014, que veem seus candidatos, ou melhor, sua candidata eleita sofrendo processo de impeachment devido ao crime de natureza fiscal (as pedaladas fiscais), e sendo culpada por tais ações. Ou seja, na esfera discursiva, esses enunciados se conectam como respostas, pois todo enunciado é “repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Tais relações de sentidos que se estabelecem nesses enunciados e se instauram no plano discursivo, instituem, na carta, um direcionamento; afinal, como nos aponta Bakhtin (2016[1952-53]), é na fronteira entre duas consciências, dois sujeitos, no mínimo, que o enunciado existe. Sobre o direcionamento instaurado nos enunciados concretos, temos a “senhora Presidente”, interlocutora imediata nomeada na carta, mas também se estabelece aqui uma interlocução presumida, que se dá com outros políticos, em destaque ao próprio partido PMDB, que são aliados do locutor e em alguns momentos estão juntos no momento do “desabafo” do locutor, e outros que não, pois, conforme nos revela a situação social e política do período, com a abertura do processo de impeachment, agravou a ruptura na base política – PMDB e PT – e no próprio partido, isto é, nem todos os políticos do PMDB eram aliados do vice-presidente.

Evidenciamos um direcionamento presumido aos aliados da líder do Poder Executivo do Brasil no período, como podemos ilustrar no trecho em que o locutor revela que sentia a desconfiança “*da senhora e do seu entorno*”. Ou seja, podemos assumir como entorno os Ministros que compunham a equipe de governo, os políticos do Partido dos Trabalhadores que compunham a base aliada que possibilitava a governabilidade e afinava o diálogo entre os poderes Legislativo e Executivo e, ainda, os demais integrantes do entorno que o locutor chamou de integrantes do “palácio”. Inclusive, no início da carta, o locutor apresenta um dos motivos para escrevê-la: “*Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio*”.

Sequenciando a análise, outro discurso mobilizado na carta diz respeito à posição de isenção de responsabilidade em que o locutor se coloca nessa interação. Logo no início da carta está o fragmento (4):

“Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo”.

Certamente um dos trechos mais significativos à compreensão do evento discursivo, pois que relações de sentidos implicam na escolha lexical “decorativo”, que tem como conceito de “que decora, que ornamenta, que serve para enfeitar, embelezar, ornamental” (DICIO, 2019). Isto é, nesse fragmento o locutor assume ter tido um papel meramente ornamental, no que se refere à atuação nas ações políticas do governo, dessa forma desresponsabilizando-se pelo papel de vice-líder do Poder Executivo para o qual fora eleito. E, defende tal discurso ao longo do desenvolvimento da carta, em que apresenta e argumenta sobre onze fatos em que ele não pôde atuar com protagonismo devido, mas sim apenas realizar mínimas interferências, quase nulas.

Porém, na perspectiva do locutor, não foi somente ele quem agiu como “*vice decorativo*”, o PMDB também teve tal atitude durante o período de mandato, como fica claro no enunciado (5):

“Éramos meros acessórios, secundários, subsidiários”.

Aqui, o locutor, na instância do “nós”, define que eram os integrantes do seu partido, naquele momento, apenas políticos secundários, realizando um papel de coadjuvância no governo, sujeitos sem relevância, liderança, tampouco protagonismo político. Ao se assumir como mero acessório, o locutor convoca o discurso da isenção de responsabilidade e de possíveis culpas, as quais recaiam sobre a presidenta Dilma Rousseff naquele período.

Ao se isentar de responsabilidade política no governo, uma possibilidade de interpretação repousa na necessidade de o locutor se assumir idôneo, tanto ele, quanto seu partido e que essa idoneidade fosse

respaldada pela interlocutora imediata, talvez, mas também fosse respaldada pela sociedade brasileira em um todo, também pelo Poder Judiciário – que realiza o processo de julgamento de impeachment – e ainda pelo Poder Legislativo, que tem função importante no processo de governabilidade.

Ainda sobre o discurso de isenção de responsabilidade assumido pelo locutor, podemos dizer que tal discurso se estabelece em relação responsiva com uma parcela da sociedade, que assume o discurso de apoio ao impeachment, e que rechaça a perspectiva de golpe – o chamado Movimento Pró-impeachment. Afinal, ao se assumir idôneo, o locutor, vice-presidente, ainda está apto para governar e representar os eleitores brasileiros. Dessa forma, esse enunciado se estabelece como uma resposta a esses enunciados anteriores, constitui-se como “reflexo de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Em síntese, depreendemos que todos os discursos evocados nesses cinco excertos da carta estão em relação dialógica entre si e com a situação social, pois então participando e construindo discussões ideológicas, por meio de respostas, confrontos de posicionamentos, debate, confirmação, aceitação, negação e refutação de outros discursos, ou seja, como postulou o Círculo Bakhtiniano, estão construindo diálogos entre sujeitos, discursos, enunciados que ganham sentido nessa interação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Na próxima seção, analisamos a construção conjunta das relações dialógicas geradora de sentido na carta, a partir da noção de direcionamento.

2.2 O locutor em relação ao (s) outro (s): a construção conjunta das relações geradoras de sentidos nos enunciados

O locutor mobiliza dois discursos aqui analisados (vitimização e isenção de responsabilidade), pois ele está em relação com o outro. Tais enunciados foram direcionados a um interlocutor imediato – a ex-presidenta Dilma –, porém, com a situação social na qual a carta emanou, ampliou-se o direcionamento. Essa ampliação de direcionamento se deu com a divulgação da carta, em que muitos leitores do portal (e das redes sociais, onde a carta circulou) puderam ter acesso ao conteúdo, puderam ler, refletir, responder e estabelecer relações dialógicas geradoras de sentido.

A noção de direcionamento constitutiva dos enunciados está bastante evidente na carta que analisamos. Afinal, com a divulgação, o direcionamento se ressignificou e o interlocutor, que antes era presumido, nessa interação, torna-se o interlocutor imediato, ou seja, todos os leitores do portal onde a carta foi publicada, sujeitos sociais, eleitores tiveram acesso ao conteúdo da carta. É a esses interlocutores que o locutor se dirige agora para abordar o tema político e, em consequência, para se dizer vítima de ausência

de confiança pelo governo Dilma, para se assumir como isento de responsabilidade sobre o que acontecia no país – um profundo descontentamento de uma parte da população com o governo do PT e um impeachment em julgamento.

É importante considerarmos a relação de pessoalidade que se estabeleceu na carta, em que o locutor (o vice-presidente da República, pessoa pública e representante popular, presidente nacional do PMDB, parlamentar de carreira) direciona o evento ao interlocutor imediato (“*senhora Presidente*”), pessoa pública, ocupante do cargo mais alto do poder público e, mais importante, considerar a noção de direcionamento dos enunciados na interação, pois um enunciado, estabilizado em um gênero, sempre é direcionado ao interlocutor imediato, que pode ser nomeado ou não, e a interlocutores presumidos. Compreender a noção de direcionamento significa entender que há relações de sentido, que se consolidam tanto no conteúdo que é explorado quanto nos discursos que são mobilizados. Ainda, o gênero do discurso sempre instaura um superdestinatário, que é ligado à grande historicidade e ao fluxo discursivo, no qual o gênero se instaura como um elo na comunicação discursiva. Por fim, há outra noção de grande importância à compreensão do evento discursivo que se estabelece nas relações dialógicas geradoras de sentidos, que se materializam nos enunciados concretos e constituem a interação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Dessa forma, podemos concluir que carta torna-se nessa interação uma grande carta resposta a toda a sociedade brasileira. Essa carta, portanto, parece querer responder à esfera política, uma vez que o locutor parece intencional responder ao PT, mas também ao seu partido, PMDB, ao PSDB (partido de oposição durante as eleições), e, ainda, aos representantes políticos que se estabeleciam como aliados e opositores na dinâmica da política partidária brasileira. Assim como a carta parece ter sido uma grande resposta à esfera jornalística, que construiu uma narrativa em prol do impeachment e em oposição à chapa de Dilma (PT) e Temer (PMDB), noticiando diariamente o processo de ruptura da aliança estabelecida nas eleições de 2014. Desse modo, a carta também foi uma grande resposta ao discurso jornalístico.

A carta estabeleceu-se, também, como uma grande carta resposta aos eleitores brasileiros, pois cerca de 54 milhões votaram nas eleições presidenciais de 2014 na candidatura Dilma e Temer, isto representa que um total de 51,64% dos votos válidos no segundo turno foi destinado a eles, logo, responder a esses eleitores respaldaria uma tentativa de angariar apoio popular em um momento tão turbulento quanto o que o Brasil passava em 2015. A postura de isenção de responsabilidade do locutor pelo fracasso do governo na carta parece buscar apoio político, partidário e popular, evitando assim punição à chapa eleita. Ainda, a carta acaba estabelecendo-se como uma resposta aos discursos opositores, de insatisfação com o governo vigente, alguns legitimados por não concordarem com a dinâmica política mobilizada pelo governo Dilma e Temer; já outros ligados à insatisfação de

eleitores que não queriam mais a hegemonia da “esquerda”, representada pelo PT, e por não aceitarem e concordarem com o resultado obtido nas urnas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim deste artigo que se estabelece como um elo no grande fluxo da comunicação discursiva. De maneira breve, assumimos que a carta revelou-se potente para compreender um pouco mais da situação social, política e discursiva do Brasil de 2015, que reverbera ainda hoje na sociedade.

Nessa configuração, procuramos responder às duas questões que nortearam esta análise: Que relações dialógicas emergem da carta do vice-presidente à presidenta do país, e divulgada à imprensa? Seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta? Tais questionamentos nos fazem refletir sobre uma primeira relação dialógica, que repousa no aspecto constitutivo de todo enunciado, que é direcionamento, ou seja, a inter-relação entre sujeitos que é constitutiva da interação. Dessa forma, o locutor sempre instaura na interação um interlocutor imediato, que é um sujeito social e interativo, no caso desta carta, Dilma Rousseff; mas também um interlocutor presumido, um superdestinatário, no caso, diferentes partidos políticos, em forte polarização no período, e a grande mídia jornalística.

O locutor escreve uma carta dita “pessoal” em tom de “desabafo” e mobiliza dois discursos: vitimização e isenção de responsabilidade, revelando – prevendo talvez – o quanto o texto alcançaria, e constrói todo seu projeto de dizer a fim de se defender, se proteger e se assumir como competente e confiável, buscando, nesse projeto de dizer, construir uma base sólida de identificação e, por conseguinte, de adesão ao seu discurso. As relações de sentidos que se estabelecem nesse evento discursivo nos revelam que essa carta não pode ser somente pessoal, ainda que fosse um desabafo, ela repousa no social e lá ganha significação. Ao assumir o discurso de que ele foi uma vítima de desconfiança, isentando-se de responsabilidade, o locutor procurar mostrar-se como vítima nesse processo, e mais, busca se fazer ver como um sujeito leal e competente como articulador político, sobretudo, ao partido ao qual está vinculado e aos apoiadores desse partido. Porém, ao ser vítima de desconfiança, esteve à sombra da presidenta e longe de qualquer protagonismo nas decisões de Dilma Rousseff. Dessa forma, define-se como não culpado no que diz respeito ao processo de governabilidade, afinal, ele foi apenas um “vice decorativo”. Tudo isso dito uma semana após o início do processo de impeachment contra o mandato de Dilma ser aceito.

Tais discursos mobilizados pelo locutor não interessam somente à interlocutora imediata, eles assumem um status social, que interessa a todos os brasileiros – ou deveria interessar –, pois a carta que Temer escreve tem um conteúdo temático de cunho político e de estratégias de

governabilidade durante o governo de 2011-2014, mais o ano de 2015. O locutor passa a limpo o período em que a ex-presidenta e o vice, ele, governaram. E, pelas relações de sentidos depreendidas nos discursos analisados é que afirmamos que a carta extrapola o pessoal e atinge o social.

Há ainda outro ponto de grande importância da nossa compreensão da carta e que se vincula à outra questão norteadora: Seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta? Concluimos que a resposta que encontramos é de que a interação instaurada se concretiza em um gênero discursivo carta aberta, e não – somente – de uma carta pessoal. Ao se instaurar como carta aberta se estabelece como uma grande carta-resposta à sociedade brasileira.

Haveria, ainda, outras questões a serem exploradas a partir do *corpus* elegido, como a grande relação de responsividade estabelecida ao longo dos anos, reverberando em uma grande quantidade de outras cartas abertas escritas ao Michel Temer, que apenas citamos; a relação de responsividade que emanou das redes sociais, gerando uma produção de discursos de humor e ironia, por meio de memes, etc. Enfim, outros caminhos são possíveis para aprofundar a compreensão dessa carta. Que possamos, a partir dessa primeira atitude responsiva ativa, provocar outras atitudes responsivas e outras relações dialógicas geradoras de sentido para que outros estudos da Área de Linguística e da Análise Dialógica do Discurso possam emanar e dizer. Afinal, é na emergência de dizer que os gêneros vivem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução do russo Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011. p. 307-336.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail M. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direto do russo, notas e posfácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.115-206.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-78.
- DICIO. *Decorativo*, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/decorativo/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

FARACO, Carlos A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PIRES, Vera Lúcia; SOBRAL, Adail Ubirajara. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n., p. 205-219, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/13785/11709>. Acesso em: 14 set. 2020.

PORTAL G1. *Leia a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma*, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em: 14 set. 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 201-226. (Círculo de Bakhtin)